

Percepções de Estudantes sobre Psicoterapia, Psicoterapeutas e Psicoterapia de Grupo em Dois Países: Portugal e Estados Unidos da América

*Rui Aragão Oliveira, Rui Paixão,
Richard C. Page, Jodi L. Carlton
e Chinwé Uwah*

O objectivo da investigação que está na origem deste artigo foi comparar o modo como estudantes universitários, em Portugal e nos Estados Unidos, percebem o/a aconselhamento/psicoterapia. A fim de aceder às atitudes dos estudantes, foram utilizadas escalas de diferencial semântico de avaliação e potência para os conceitos aconselhamento/psicoterapia, conselheiro/psicoterapeuta e aconselhamento/psicoterapia de grupo. Os estudantes Portugueses situaram o/a aconselhamento/psicoterapia de grupo num nível significativamente mais elevado, na escala de avaliação, e mais baixo, na escala de potência, do que os estudantes Americanos. A avaliação de conselheiros/psicopsicoterapeutas pelos estudantes dos Estados Unidos foi significativamente mais elevada que a dos estudantes em Portugal. Não houve, porém, diferenças significativas, no que diz respeito à escala avaliativa, mas os estudantes do sexo feminino, em ambos os países, avaliaram o aconselhamento/psicoterapia e conselheiro/psicoterapeuta com um nível mais elevado na sub-escala potência.

O século XX foi um período movimentado, assistindo a avanços tecnológicos que catapultaram o nosso mundo para uma era de informação e comunicação, para além da imaginação dos nossos antepas-

sados. A tecnologia permitiu estreitar ligações por todo o mundo, com a facilidade das viagens e das comunicações e a explosão do acesso à informação. Com o desenvolvimento do cyber-espaço, as pessoas podem corresponder-se por e-mail e através de páginas de internet, bem como falar por video-conferência. Com estes desenvolvimentos, os consumidores ganharam no acesso aos produtos e serviços, enquanto os produtores beneficiaram das vantagens de marketing desta era da informação. É possível comprar electronicamente, em privado e em segurança, produtos de todos os tipos, bastando carregar numa tecla. Até o/a aconselhamento/psicoterapia está actualmente disponível na internet. Essencialmente, com o avanço da tecnologia, as pessoas estreitaram distâncias e as diferentes culturas começaram a entrelaçar-se quotidianamente. Em todos os continentes, a diversidade cultural vai crescendo, à medida que as pessoas continuam a migrar de lugar para lugar e que a indústria continua a alargar-se internacionalmente. Estes movimentos afectam os indivíduos de várias formas, dependendo da cultura a que pertencem. Na verdade, as características individuais como os valores, opiniões, atitudes e formas de perceber a realidade têm todas origem na cultura do indivíduo (Ibrahaim 1985; Sue e Sue 1990).

Em alguns países, podemos teorizar que a tecnologia e a imigração misturaram diferentes culturas criando uma sociedade universal tipo *potpourri*. Os Estados Unidos são um exemplo deste tipo de cultura. No entanto, apesar destes factores, a pesquisa tem demonstrado que as sub-culturas tendem a manter a sua existência e a prosperar nos Estados Unidos (Axelson 1985). Por exemplo, no início do século XX, durante a imigração maciça para a América, pensou-se que os Estados Unidos se tornariam uma 'monocultura' pela mistura das diversas sub-culturas – o que não aconteceu. De acordo com Axelson, as diversas sub-culturas, na realidade, acabaram por se segregar, dispersando-se por diferentes zonas do país. No entanto, acabou por emergir nos Estados Unidos uma sociedade global, na qual os indivíduos entre as várias sub-culturas acabam por apresentar mais semelhanças que diferenças (Axelson 1985). Apesar de tudo, com a influência das sub-culturas nos Estados Unidos, a força desta identidade cultural global pode considerar-se fraca. Outras culturas, por seu lado, como a cultura Portuguesa, podem ser vistas como mais colectivas ou orientadas para o grupo (Barreto e Valadas Preto 1996), com uma forte identidade cultural. Mesmo assim, nos últimos 29 anos, como consequência das transformações políticas e económicas, a pesquisa

tem mostrado o desenvolvimento de movimentos de imigração e, assim, o desenvolvimento de sub-culturas minoritárias em Portugal (Barreto e Valadas Preto 1996).

Como resultado destes fenómenos, a psicologia moderna tem o dever de examinar os diferentes aspectos da consciência humana, através das culturas. Esta necessidade resultou na emergência de um campo interdisciplinar chamado 'psicologia cultural' (Shweder e Sullivan 1993). Apesar das diferenças existentes entre os países e as suas sub-culturas, têm sido encontrados aspectos universais em todas as culturas. Estes aspectos universais incluem a entidade do casamento, a família como unidade em que os membros desempenham papéis, um sistema de educação, a prática de alguma forma de medicina, o conceito de trabalho e formas de expressão pessoal que vão de encontro às necessidades psicológicas e espirituais. Apesar das várias culturas terem estes aspectos universais em comum, as diferenças existentes entre as culturas correspondem às formas de exprimir estes e outros aspectos universais (Axelson 1985).

Tipicamente, um conselheiro/terapeuta não está apenas interessado nos aspectos universais que são mantidos entre as diversas culturas, mas interessa-se também pelas variáveis que influenciam a percepção do cliente sobre psicoterapia/aconselhamento. De acordo com Tinsley e Harris (1976), os indivíduos chegam à psicoterapia/aconselhamento com determinadas expectativas acerca da experiência de psicoterapia/aconselhamento, do papel do terapeuta e do seu próprio papel como sujeito da psicoterapia (cliente/paciente). Estas expectativas são, em parte, influenciadas pelos valores adoptados pela cultura a que se pertence, no que diz respeito às relações interpessoais.

Tem sido também demonstrado que o género pode influenciar as atitudes individuais, em relação à psicoterapia/aconselhamento; Rule & Gandy (1994) defendem que as mulheres tendem a categorizar a psicoterapia de forma mais positiva. Assim, de acordo com estes autores, as mulheres, com maior probabilidade que os homens, poderão procurar psicoterapia e estar disponíveis para os seus benefícios potenciais.

Como resultado de diversos factores, a atitude do cliente/paciente em relação à psicoterapia/aconselhamento também pode variar, de acordo com o seu background cultural. Segundo Axelson (1985), é essencial que o terapeuta se identifique com a perspectiva cultural dos clientes para os ajudar, eficazmente, com os problemas que trazem para a psicoterapia/aconselhamento. Assim, é importante que

os psicoterapeutas tomem consciência da a sua própria identidade cultural e que se instruem acerca das culturas e perspectivas dos seus clientes. Para atingir este objectivo, é necessária a investigação transcultural sobre as percepções do cliente e sobre a forma como estas são influenciadas pelas respectivas culturas de origem.

Até agora, a investigação tem sido desenvolvida em países como Taiwan, Tailândia, e Irlanda. Os estudantes de Taiwan avaliaram a psicoterapia/aconselhamento, os psicoterapeutas/conselheiros e a psicoterapia/aconselhamento de grupo mais positivamente num diferencial semântico, que os estudantes Americanos. No mesmo estudo, os estudantes Americanos pontuaram a potência da psicoterapia/aconselhamento, dos psicoterapeutas/conselheiros e da psicoterapia/aconselhamento de grupo num nível significativamente mais elevado que os Chineses (Page e Cheng 1992). Num estudo semelhante, os estudantes Americanos pontuaram a potência da psicoterapia/aconselhamento, psicoterapeutas/conselheiros e psicoterapia de grupo num nível significativamente mais elevado que os estudantes da Tailândia (Page, Taffel, Ruammake e Reed, 1994). No entanto, verificou-se que os estudantes Irlandeses pontuaram a potência da psicoterapia/aconselhamento a um nível significativamente mais elevado que os estudantes Americanos. Adicionalmente, no estudo Irlandês/Americano, as mulheres pontuaram a potência da psicoterapia/aconselhamento num nível significativamente mais elevado que os homens, enquanto os estudantes de psicoterapia/aconselhamento graduados fizeram uma avaliação da psicoterapia/aconselhamento de grupo e os psicoterapeutas/conselheiros significativamente mais elevada que os estudantes de psicologia a frequentar a licenciatura (O'Leary, Page e Kaczmarek, no prelo). Este estudo demonstrou sobretudo que o país de origem, mais do que o género, afectava as atitudes dos estudantes em relação aos conceitos ligados à psicoterapia/aconselhamento, quando se fizeram comparações de estudantes por género e país.

O objectivo deste estudo é examinar as atitudes em relação à psicoterapia/aconselhamento, psicoterapeutas/conselheiros e psicoterapia/aconselhamento de grupo dos estudantes em Portugal e nos Estados Unidos. Actualmente, existe pouca pesquisa disponível a comparar as atitudes que as pessoas destas duas culturas têm em relação à Psicoterapia/Aconselhamento.

MÉTODO

População

O estudo utilizou 341 participantes de uma grande universidade no sudeste dos Estados Unidos da América ($n=201$) e de uma grande universidade no centro de Portugal ($n=140$). Dos estudantes Americanos, 180 eram estudantes de psicoterapia/aconselhamento com licenciatura (121 mulheres e 59 homens) e 21 eram estudantes de psicologia e psicologia educacional não licenciados (16 mulheres e 5 homens). Alguns dos sujeitos Americanos utilizados neste estudo já tinham sido utilizados também em estudos anteriores (O'Leary, Page e Kaczmarek, no prelo; Page e Cheng, 1992; Page, Taffel, Ruammake e Reed 1994), embora alguns tenham sido avaliados mais recentemente. A razão pela qual alguns dos Americanos tinham sido utilizados em estudos anteriores é que os autores estão a tentar desenvolver um grupo normativo de sujeitos Americanos que sejam adequados para ser utilizados em estudos que acedam às formas como os conceitos relacionados com a psicoterapia/aconselhamento são percebidos nas diferentes culturas. Dentre os estudantes Portugueses, 57 eram estudantes de psicologia com licenciatura (34 mulheres e 23 homens) e 83 eram estudantes de psicologia não licenciados (51 mulheres e 32 homens). Nenhum dos sujeitos Portugueses tinha sido utilizado em estudos anteriores. Na mostra total existiam 222 mulheres (85 Portuguesas e 137 Americanas), e 119 homens (55 Portugueses e 64 Americanos). O número total de estudantes com licenciatura no estudo foi 237 (155 mulheres e 82 homens), enquanto o número total de estudantes não licenciados foi 104 (67 mulheres e 37 homens). A média de idades dos estudantes Americanos foi 26.8, e dos estudantes Portugueses foi 26.6.

Instrumento

O diferencial semântico desenvolvido por Osgood, Suci e Tannenbaum (1957) tem sido utilizado internacionalmente em vários estudos transculturais (Osgood 1969; Husu 1980; Lawson, Smadi e Tel 1986; Mackinnon e Keating 1989; Williams e Best 1990), para além dos estudos que medem as percepções dos estudantes de psicoterapia/aconselhamento (Cheng e Page 1995; Page e O'Leary 1997; Page et al.1994). O diferencial semântico também tem sido utilizado para medir as respostas de indivíduos de 30 países diferentes em relação a 820

conceitos nas escalas de avaliação, potência e actividade (Tzeng e Everett 1985). No presente estudo, o diferencial semântico foi utilizado para medir as percepções de estudantes masculinos e femininos em Portugal e nos Estados Unidos da América, em relação à psicoterapia/aconselhamento, psicoterapeutas/conselheiros e psicoterapia/aconselhamento de grupo.

O diferencial semântico coloca pares de adjectivos que se opõem num continuum em que um adjectivo é representado pelo número '1' e o adjectivo oposto é representado pelo número '7'. Quando os autores que desenvolveram o diferencial semântico procederam à análise factorial, os pares de adjectivos surgiram agrupados em torno de três factores: avaliação, potência e actividade (Osgood et al. 1957). Estes factores representam as escalas estabelecidas para o diferencial semântico.

Neste estudo, apenas foram usadas a escala de avaliação, aquilo que as pessoas pensam sobre um conceito (Kerlinger 1973), e a escala de potência, como as pessoas sentem em relação a um conceito, ou a sua 'força' (Kerlinger 1973). Os pares de adjectivos utilizados para formar a escala de avaliação foram bom-mau, doloroso-gradável, bonito-feio, nada-importante-importante e positivo-negativo. Os pares de adjectivos utilizados para formar as escalas de potência foram feminino-masculino, sério-engraçado, leve-pesado, forte-fraco e mole-duro. Foi pedido aos estudantes que colocassem um 'X' num continuum para cada um dos pares de adjectivos, no local que representasse o mais aproximadamente possível as suas percepções em relação a psicoterapeutas/conselheiros, psicoterapia/aconselhamento e psicoterapia/aconselhamento de grupo.

Para este estudo, as escalas foram traduzidas para a língua Portuguesa, sendo na altura realizada uma análise factorial (Page, Paixão e Oliveira 1998). Os resultados alcançados foram semelhantes aos obtidos pela análise factorial original realizada com os sujeitos Americanos (Osgood et al. 1957) e mostraram uma forte estabilidade factorial para as escalas avaliativa e potência (Page et al., 1998).

Os testes de fidelidade para os factores avaliativo, potência e actividade foram satisfatórios para os diferentes conceitos (Kerlinger 1973). Os resultados médios na avaliação da estabilidade do diferencial semântico em teste-reteste foram .79, tanto para homens como para mulheres, na escala de avaliação. Na escala de potência os resultados foram .75 para as mulheres e .77 para os homens (Norman 1969).

Procedimento

Todos os participantes nesta pesquisa, quer masculinos, quer femininos foram voluntários e eram estudantes com licenciatura e estudantes não licenciados. As escalas foram-lhes aplicadas em aulas nas respectivas universidades, nos Estados Unidos e em Portugal. O método de selecção dos estudantes e as condições de cotação das escalas foram semelhantes em ambas as universidades.

Estatística

Foi aplicada uma MANOVA 2 X 2 que utilizava o género (masculino/feminino) e o país (Estados Unidos/Portugal) como variáveis independentes. As seis variáveis dependentes foram as escalas de potência e avaliação para os conceitos Aconselhamento/Psicoterapia, Conselheiro/Terapeuta e Psicoterapia/Aconselhamento de Grupo. Foi utilizado um nível alfa de .05 para todos os testes estatísticos.

RESULTADOS

Os resultados F multivariado e F univariado para as seis escalas diferentes de diferencial semântico para a interacção de género, por país, não foram estatisticamente significativos. O resultado de F-multivariado, tendo em conta a variável geral género, não foi significativo, bem como nenhum dos resultados de F univariado. O mesmo sucedeu com a variável país assumida como efeito geral no F-multivariado. No entanto, surgiram resultados F univariados significativos para a escala de avaliação de Psicoterapia/Aconselhamento de Grupo, $F(1,337) = 7.8, p = .01$ e para a escala de potência de Psicoterapia/Aconselhamento de Grupo, $F(1,337) = 8.6, p = .00$. Os estudantes dos Estados Unidos ($LSM = 25.2, SE = 0.3$) situaram a Psicoterapia/Aconselhamento de Grupo significativamente mais abaixo na escala de avaliação que os estudantes de Portugal ($LSM = 26.4, SE = 0.3$). No entanto, os estudantes dos Estados Unidos ($LSM = 22.9, SE = 0.2$) situaram a potência da Psicoterapia/Aconselhamento de Grupo a um nível significativamente mais elevado que os estudantes de Portugal ($LSM = 21.8, SE = 0.3$). Para além deste aspecto, os estudantes dos Estados Unidos ($LSM = 27.0, SE = 0.3$) classificaram o conceito Conselheiros/Psicoterapeutas na escala de avaliação $F(1,337) = 5.9, p = .02$ significativamente acima dos estudantes de Portugal ($LSM = 25.9, SE = 0.3$).

Tabela 1. médias e desvios padrões para as escalas avaliativa e potência relativamente ao Aconselhamento/Psicoterapia, Conselheiro/Psicoterapeuta e Aconselhamento de grupo/psicoterapia de grupo

País	M	DP	M	DP
	Acon/Psi (A)		Acon/Psi (P)	
Portugal	26.5	0.3	22.1	0.3
Estados Unidos	26.8	0.3	22.7	0.2
	*Cons/Psico (A)		Cons/Psico (P)	
Portugal	25.9	0.3	21.9	0.3
Estados Unidos	27.0	0.3	21.8	0.2
	Acons. Gru/Psic. Gru (A)		Acons. Gru/Psic. Gru (P)	
Portugal	26.4	0.3	21.8	0.3
Estados Unidos	25.2	0.3	22.9	0.2

Portugal n = 133, Estados Unidos n = 201

* significativo para um nível de significância inferior a 0.05

DISCUSSÃO

Esta investigação indica que as percepções dos participantes sobre psicoterapia/aconselhamento e psicoterapeutas/conselheiros diferem, principalmente, de acordo com o país. Esta pesquisa é inconsistente com alguns estudos (mas consistente com outros) que identificam as mulheres como valorizando a força da psicoterapia/aconselhamento mais do que os homens. Num estudo semelhante, que compara as atitudes de estudantes Americanos e Irlandeses, as mulheres de ambos os países pontuaram a potência da psicoterapia/aconselhamento num nível mais elevado que os homens (Page e O'Leary 1999). De acordo com Maracek e Johnson (1980), as mulheres têm maior propensão para discutir sentimentos durante as sessões de psicoterapia/aconselhamento do que os homens, que, muitas vezes desconhecem os próprios sentimentos, ou têm receio de os revelar (Carlson 1987; Heppner e Gonzales 1987; Ipsaro 1986). Para além disso, as mulheres têm apresentado maior tendência que os homens para procurar psicoterapia/aconselhamento (Mintz e O'Neil 1990).

Uma outra pesquisa demonstrou que o país têm maior efeito que o género na influência das formas como os estudantes de psicologia

e psicoterapia/aconselhamento percebem os conceitos relacionados com psicoterapia/aconselhamento no diferencial semântico. Designadamente, isto foi o que aconteceu quando estudantes de Taiwan (Page e Cheng 1992) e da Tailândia (Page et al. 1994) foram comparados com uma amostra emparelhada de estudantes Americanos. Mesmo num estudo que comparava homens e mulheres Irlandeses e Americanos, verificou-se um efeito principal tanto para o país, como para o género, em relação às formas como a escala de potência da psicoterapia/aconselhamento foi pontuada (Page e O'Leary 1999). Este estudo demonstrou que tanto o género, como o país interferiam na forma como este conceito era pontuado.

Os resultados do presente estudo indicam que os estudantes de Portugal fazem uma avaliação da Psicoterapia/Aconselhamento de Grupo mais elevada que os estudantes dos Estados Unidos. Ou seja, os estudantes Portugueses têm uma ideia claramente mais positiva da psicoterapia/aconselhamento de grupo que os estudantes Americanos. Inversamente, os estudantes dos Estados Unidos consideram a Psicoterapia/Aconselhamento de Grupo como tendo maior potência ou força que os estudantes Portugueses.

Estes resultados podem ter ocorrido por a psicoterapia/aconselhamento de grupo ser uma área relativamente nova em Portugal, comparada com a psicoterapia/aconselhamento individual, e ainda não ter ganho a popularidade que a psicoterapia/aconselhamento individual ou de grupo atingiu já nos Estados Unidos. Em geral, os indivíduos das culturas latinas quando têm problemas pessoais, apresentam maior propensão para procurar amigos ou parentes próximos, dada a natureza reservada. No entanto, com a emergência da área da psicoterapia/aconselhamento, cada vez mais indivíduos procuram psicoterapia/aconselhamento em Portugal. Ainda assim, a prática de psicoterapia/aconselhamento individual em Portugal é mais habitual do que a prática da psicoterapia/aconselhamento de grupo. Uma vez que os problemas pessoais, tradicionalmente, eram tratados dentro de um círculo de amigos e familiares muito próximo, a sua revelação perante uma terceira parte indiferente ou um grupo de pessoas pode ser difícil para alguns indivíduos. Para além disso, a ideia de auto-revelação perante um grupo de estranhos pode ser muito desconfortável para as pessoas em Portugal. Por esta razão, é possível que a psicoterapia/aconselhamento de grupo não se tenha desenvolvido tanto em Portugal como nos Estados Unidos. De notar ainda, os indivíduos desta amostra eram estudantes de psicoterapia/

aconselhamento e de psicologia, portanto, estavam a aprender sobre a psicoterapia/aconselhamento de grupo e podem ter pensado que é uma ferramenta terapêutica eficaz. No entanto, dada a natureza da sua cultura, estes estudantes podem ter sentido que a potência da psicoterapia de grupo é fraca numa sociedade, apesar de tudo, reservada.

Pelo contrário, os estudantes dos Estados Unidos foram influenciados pela popularidade de vários tipos de grupos de desenvolvimento pessoal que têm crescido durante as duas últimas décadas. Até mesmo a área dos negócios e da indústria aumentou o uso de grupos como os t-groups, à medida que as organizações evoluíram para estruturas centradas na equipa. Os grupos tornaram-se muito populares em settings terapêuticos, em parte devido à influência da política de cuidados de saúde orientada para tratamentos breves e eficazes a baixo custo. Para além disto, a psicoterapia/aconselhamento de grupo cresceu, na prática, devido ao reconhecimento crescente da eficácia desta modalidade de tratamento. Como referimos anteriormente, os participantes neste estudo eram estudantes de aconselhamento/psicologia. Os estudantes Americanos podem reconhecer o poder ou potência da psicoterapia/aconselhamento de grupo, mas podem ter uma ideia negativa das pressões exercidas pelas companhias de cuidados de saúde, no sentido de utilizarem a psicoterapia/aconselhamento de grupo por razões de custo-eficácia. Além do mais, nos últimos anos, a ênfase na psicoterapia de grupo como intervenção de tratamento tem sido desvalorizada na universidade Americana, frequentada pelos estudantes que participaram como sujeitos desta investigação. Estas razões podem explicar as pontuações mais baixas dadas pelos estudantes Americanos na escala de avaliação da psicoterapia/aconselhamento de grupo, quando comparadas com os resultados dos estudantes Portugueses.

Este estudo demonstrou que os estudantes Americanos atribuíram uma pontuação mais elevada na escala de avaliação de terapeuta/conselheiro, que os estudantes em Portugal. Nos Estados Unidos, tem havido um movimento crescente em relação à consciência ética e à aderência a linhas de orientação éticas. Os profissionais das diversas disciplinas psicológicas estão, cada vez mais, atentos às suas responsabilidades éticas, enquanto estudantes em formação são ensinados acerca da importância da ética e das implicações da sua não observação. Até mesmo os nomes dos infractores à ética são, por vezes, publicados pelas agências de licenciamento e associações, o

que torna a magnitude e a existência de infracções às orientações éticas e a importância dessas orientações mais reais para os estudantes, bem como para os professores que os ensinam. A ênfase actual numa conduta eticamente correcta em psicoterapia/aconselhamento é uma demonstração do valor associado à psicoterapia/aconselhamento enquanto profissão, nos Estados Unidos, e pode ter influenciado a forma como os estudantes Americanos avaliaram o conceito de psicoterapia/aconselhamento.

Como resultado deste aumento de atenção, a comunidade, em geral, também se tornou consciente da necessidade de monitorizar aqueles que se auto-denominam psicoterapeutas/conselheiros. As agências nacionais e estaduais começaram a fazer cumprir requisitos de certificação e licença rigorosos e linhas de orientação que determinam quais os indivíduos qualificados para se anunciar e exercer como psicoterapeutas/conselheiros. Estes indivíduos devem passar por procedimentos de acreditação rigorosos, como ser submetidos a testes e à prova de formação e qualificação académica adequadas. Em consequência, as instituições educativas começaram a erguer standards de formação, de acordo com as orientações nacionais e dos respectivos estados, de modo a formar e preparar adequadamente os alunos. À luz destas orientações profissionais, os estudantes de aconselhamento/psicoterapia podem sentir-se bem consigo próprios, enquanto futuros psicoterapeutas/conselheiros e podem sentir-se confiantes acerca da competência dos seus colegas de profissão.

Neste sentido, deve ser desenvolvida mais investigação trans-cultural e internacional para comparar as formas como as pessoas nos diferentes países percebem o aconselhamento/psicoterapia. Enquanto têm havido alguns estudos a comparar pessoas de diferentes origens étnicas dentro dos Estados Unidos, verificam-se relativamente poucos estudos trans-culturais, a nível internacional, comparando o modo como as pessoas de diferentes países percebem a psicoterapia/aconselhamento. Para que a profissão de terapeuta/conselheiro possa emergir internacionalmente é necessário recolher informação, de forma a conhecer a melhor maneira de servir as pessoas das diferentes culturas. Este tipo de estudos também auxilia os psicoterapeutas/conselheiros em determinadas sociedades a ganhar uma perspectiva mais alargada da profissão, ao conhecer a forma como é percebida por outras culturas.

REFERÊNCIAS

- Axelson, J. A.
1985 *Counseling and Development in a Multicultural Society*. Belmont, CA:Brooks/Cole Publishing Company.
- Carlson, N. L.
1987 'Woman Therapist: Male Client'. In *Handbook of Counseling and Psychotherapy with Men*. Editado por M. Scher, M. Stevens, G. Good e G. A. Eichenfield. Newbury Park: Sage. pp-39-50.
- Cheng, H. P., e Page, R. C..
1995 'A Comparison of Chinese (in Taiwan) and American Perceptions of Love, Guilt and Anger'. *Journal of Mental Health Counseling*, 17. pp. 210-19. pp.527-65.
- Heppner, P. P., e Gonzalez, D. S.
1987 'Men Counseling Men'. In *Handbook of Counseling and Psychotherapy with Men*. Editado por M. Scher, M.
- Husu, L.
1980 'The Semantic Differential and the Study of Cultural Differences'. *Sociologia*, 17. pp.110-17.
- Ibrahim, G. A.
1985 'Effective Cross-Cultural Counseling and Psychotherapy: A Framework'. *The Counselling Psychologist*, 13. pp.625-38.
- Ipsaro, A. J.
1986 'Male Client-Male Therapist: Issues in a Therapeutic Alliance'. *Psychotherapy*, 23. pp.336-52.
- Kerlinger, F.N..
1973 *Foundations of Behavioral Research*. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston, Inc.
- Lawson, E. D., Smadi, O. M e Tel, S.A.
1986 'Values in Jordanian University Students: A test of Osgood's Cultural Universals'. *International Journal of Intercultural Relations*, 10. pp. 35-51.
- Mackinnon, N.J. e Keating, L.J.
1989 'The Structure of Emotions: Canada-United States Comparisons'. *Social Psychology Quarterly*, 52. pp. 70-83.

- Maracek, J. e Johnson, M.
1980 'Gender and the Process of Therapy'. In *Women and Psychotherapy: An Assessment of Research and Practice*. Editado por A. M. Brodsky e R. Hare- Mustin. Nova Iorque: Guilford Press. pp-67-93.
- Mintz, L. B. e O'Neill, J. M
1990 'Gender Roles, Sex, and the Process of Psychotherapy: Many Questions and Few Answers. *Journal of Counseling and Development*, 68. pp.381-87.
- Norman, W. T.
1969 'Stability Characteristics of the Semantic Differential'. In *Semantic Differential Technique: A Sourcebook*. Editado por J. G. Snider e C. E. Osgood. Chicago: Aldine. pp-168-71.
- O'Leary, E.; Page, R.C. e Kaczmarek
1999 'A Comparison of Perceptions of Counseling in Ireland and the United States'. Manuscript submitted for publication.
- Osgood, C.E.
1969 'Semantic Differential Technique in the Comparative Study of Cultures'. In *Semantic Differential Technique: A Sourcebook*. Editado por J. G. Snider e C. E. Osgood. Chicago: Aldine. pp-303-22.
- Osgood, C.E.; Suci, G. T. e Tannenbaum, P. H.
1957 *The Measurement of Meaning*. Urbana: University of Illinois Press.
- Page, R. e Cheng, H. S.
1992 'A Comparison of American and Chinese Counseling Students' Perceptions of Counseling'. *The Person-Centered Journal*, 1 (1). pp-63-76.
- Page, R. e O'Leary, E..
1997 'A Comparison of Perceptions of Love, Guilt, and Anger in Ireland and the United States: Implications for Counseling'. *Counseling and Values*, .41. pp.267-78.
- Page, R.; Paixão, R. e Oliveira, R.
1998 'Estudo Factorial do Método de Diferenças Semânticas numa População Portuguesa'. *Psychologica*, 20. pp-15-26.

- Page, R. C.; Taffel, S.; Ruammake, K. C. e Reed, J.
1994 'A Comparison of Thai and American Counseling Students's Perceptions of Counseling' . *International Journal for the Advancement of Counseling*, 17.pp.1-11.
- Rule, W. R. e Gandy, G. L.
1994 'A Thirteen-Year Comparison in Patterns of Attitudes Toward Counseling' . *Adolescence*, 29 (115). pp.575-89.
- Shweder, R. A. e Sullivan, M. A.
1993 'Cultural Psychology: Who Needs It?'. *Annual Reviews of Psychology*, 44. pp.497-523.
- Sue. D. W. e Sue. D.
1990 *Counseling the Cultural Different*. Nova Iorque: John Wiley & Sons.
- Suvannathat, C.
1979 'The Inculcation of Values in Thai Children'. *International Sociology Science Journal*, 31. pp.477-85.
- Tinsley, H. E. A e Harris, D. J.
1976 'Client Expectations for Counseling'. *Journal of Counseling Psychology*, 23 (3). pp.173-77.
- Tzeng, O. C. e Everett, A. V.
1985 'A Cross-Cultural Perspective of Self Related Conceptions in Adolescence' Woman Therapist: Male Client'. *International Journal of Psychology*, 20. pp.320-40.
- Williams, J.E e Best, D.L.
1990 *Sex and Psyche: Gender and Self Viewed Cross-Culturally*. Newbury Park: Sage.

Percepções de Estudantes sobre Psicoterapia, Psicoterapeutas e Psicoterapia de Grupo em Dois Países: Portugal e Estados Unidos da América

Sumário

O objectivo deste estudo é comparar as formas como os estudantes universitários em Portugal e nos Estados Unidos percebem o/a aconselhamento/psicoterapia. Foram utilizadas escalas de diferencial semântico de avaliação e potência para os conceitos: aconselhamento/psicoterapia, conselheiro/psicoterapeuta e aconselhamento/psicoterapia de grupo, para aceder às atitudes dos estudantes. Os estudantes Portugueses situaram o/a aconselhamento/psicoterapia de grupo num nível significativamente mais elevado na escala de avaliação e mais baixo na escala de potência, do que os estudantes Americanos. A avaliação de conselheiros/psicopsicoterapeutas pelos estudantes dos Estados Unidos foi significativamente mais elevada que a dos estudantes de Portugal. Não houve diferenças significativas no que diz respeito à escala avaliativa, mas as estudantes do sexo feminino em ambos os países avaliaram o aconselhamento/psicoterapia e conselheiro/psicoterapeuta mais elevado na sub-escala potencia.

Student Perceptions of Counselling, Counsellors, and Group Counselling in Two Countries: Portugal and the United States

Summary

The purpose of this study is to compare the ways university students in Portugal and in the United States perceive counselling. The evaluative and potency scales for the concepts counselling, counsellors and group counselling on a semantic differential were used to assess the attitudes of the students. The students in Portugal ranked group counselling significantly higher on the evaluative scale and lower on the potency scale than the US students. The students in the United States evaluated counsellors significantly higher than the Portuguese students. There were no significant differences for the main effect of gender and or for the interaction effect of gender by country.